

MARCELO NAVARRO RIBEIRO DANTAS [DESEMBARGADOR FEDERAL]

Ora (direis)

Quando eu era menino ainda se declamava. Hoje, talvez muitos jovens sequer saibam o que significa o verbo declamar. Para eles, o auxílio luxuoso de mestre Houaiss: “dizer (texto poético ou retórico) em voz alta, dramatizando o conteúdo com gestos, expressões faciais e modulação de voz; recitar”. O termo tem outros sentidos, mas esse é o que aqui interessa. Lia-se em voz alta. Na igreja, a bíblia: primeira leitura e segunda leitura – que o Evangelho era privativo do padre. Na escola, contos, crônicas, peças de teatro ou até discursos famosos, inteiros ou só pedaços, e mesmo trechos de romances. E principalmente em casa, ou nas casas de parentes e amigos, como, em “O Passado”, lembra Cora Cora-

lina: “O salão da frente recende a cravo./ Um grupo de gente moça/ se reúne ali./ (...)/ Encerrada a sessão com seriedade./ passávamos à tertúlia./ O velho harmônio, uma flauta, um bandolim./ Músicas antigas. Recitativos./ Declamavam-se monólogos./ Dialogávamos em rimas e risos”.

A declamação era regra no mundo antigo, até porque a escritura é posterior à palavra. No princípio era o verbo, diz São João. E mesmo depois que os poemas homéricos deixaram de ser apenas declamados pelos aedos e passaram para os pergaminhos, não se lia silenciosamente. A leitura se legitimava no outro, no ouvinte. Nas faculdades de antanho, o lente (aquele que lê) e os alunos. E, embora a prevalência da leitura calada no mundo contemporâneo

seja óbvio resultado da democratização da educação, e, portanto, do ato de ler, há um equívoco imenso em abandonar o recitativo.

Com ele se aprendia dicção, ritmo, entonação, interpretação. Muitas crianças passaram a se interessar por literatura ao ouvir uma recitação. E como isso estimulava a memória! Tenho amigos que sabem de cor (de coração, etimologicamente), textos imensos que lhes foram lidos na juventude. Declamar era a escola da retórica. Era o meio pelo qual se fomentavam vocações de oradores, professores, advogados e até pregadores. O instrumento com que se combatia a timidez malsã que se tornou uma epidemia social nos dias que correm, a ponto de pesquisas apontarem o temor de falar em público

como o pior medo dos americanos.

Porém, o principal era o prazer de dizer, o gosto pelo que era dito, o apreço pela palavra (que implica comunicação e transmissão de conhecimento). E a poesia!... Sim, a poesia. Porque, muito mais do que prosa, declamavam-se poemas. E eu penso que havia mais apreço pela linguagem poética quando o costume de recitar era mais disseminado. Tanto que, agora, os poetas ditos alternativos ou de vanguarda vêm usando a declamação como arma para divulgar seus versos e chamar atenção para o que produzem. Justamente porque recitar tornou-se exceção, apesar de estar na raiz da produção poética, prova é que praticamente toda poesia popular nasce assim.

Mesmo aqueles menos afeitos

à poesia conheciam, ainda que de oitiva – e a expressão, nesse caso, cabelalmente –, quadras, sonetos e poemas variados, ao menos dos chamados clássicos. Lembro-me de quanta vez escutei declamar o “I-Juca-Pirama”. Pois é. Meninos – parafraseando Gonçalves Dias –, eu ouvi! Masse os grandes astros da poesia eram verdadeiramente idolatrados, os valores locais eram também muito estimados. Poetas que teriam sido esquecidos, porque publicaram pouco, ou em edições pequenas, ou em jornais sem grande circulação, e que haveriam amarelado em escaninhos abandonados, eram resgatados e tornados eternos pela declamação. Um dia desses, mesmo, descobri, graças a Clotilde Tavares e Djanira Fialho Moreira, ambas méritas declamadoras, um poeta paraibano maravilhoso, Carlos Dias Fernandes. Seu “O Adeus de Pilatos” é uma pequena obra-prima: “... meu amor, aonde quer que os destinos/ Te levem, seguir-te-

ão meus olhos peregrinos/ Como dois cães fiéis...”.

A falta de prática na leitura em voz alta certamente explica a profusão atual de maus discursos, fracas sustentações orais, palestras ininteligíveis, aulas desinteressantes, sermões soporíferos. Essa cacofonia de vozes, ora esganiçadas, ora quase inaudíveis, de frases atropeladas, de palavras mal pronunciadas. Esse rebaixamento geral no uso da expressão verbal. Essa lamentável perda de conhecimento da própria língua, que é mais língua do que nunca quando falada e ouvida.

O pior é que talvez não se leia mais em voz alta porque nestes tempos ninguém mais quer ouvir. “Ora (direis) ouvir estrelas! Certo/ Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto, / (...)/ ... só quem ama pode ter ouvido/ Capaz de ouvir e de entender estrelas.” É isso. O velho Bilac estava certo. Sem amor não se ouve. Está faltando amor até para isso.